

AÇÃO DIRETA

SEMENARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Amam somente mandos e riqueza
Simulando justiça e integridade.
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade.
Leis em favor do rei se estabelecem;
As em favor do povo, só, perecem.
CAMÕES. Lus. IX, 28

ANO I

Rio de Janeiro — Sabado, 25 de Maio de 1946

N.º 6

EM BUSCA DO HOMEM NOVO

PAULO DE CASTRO

Prometeram-nos o Homem Novo, criação suprema da sociedade soviética sem classes, da sua cultura, do seu progresso, generosidade e concreto humanismo.

Diziam-nos ser necessário lutar contra a nossa cultura decadente e lutámos.

Cometemos tropelias de colegiais e ingênuas manifestações de rebeldia. Tudo fizemos para purificar-nos e ser dignos de olhar o novo Deus.

Nossa geração lutou na Espanha, na França, no mundo sombrio da ilegalidade, contra tudo o que impedisse a vinda desse admirável símbolo de redenção.

Também gítimos contra os trotsquistas sem saber porque e explicámos os processos de Moscou sem os compreender e o pacto germano-soviético sem o aceitar e a guerra da Finlândia sem que um pouco de pudor nos recordasse a nossa condição de homens.

Tudo para que a nossa U. R. S. S. nos concedesse o admirável Homem Novo até chegarmos um dia à melancólica conclusão de que o Homem Novo Soviético era o Homem Velho com técnica moderna, velhíssimo, anterior à Renascença, à Revolução Francesa, ao Cartismo, à Comuna, a tudo o que verdadeiramente libertador foi tentado no Ocidente.

O Homem Novo era afinal o escravo-cidadão de uma nova, inédita e complexa tentativa de mistificação da consciência livre.

Tédio e Decepção.

FILOSOFIA DO HOMEM NOVO

Seja-nos permitido fazer um esboço rápido da falência do Marxismo como doutrina revolucionária na Rússia Soviética, ou seja, o esboço da filosofia do Homem-Novo, pelo qual lutámos em nome do progresso, realidade o mais insidioso paradoxo.

FALSA UNIVERSALIDADE: Pensamento reservado às elites. O marxismo como criação sacerdotal, esotérica, para raros e não como método de análise de processo histórico e pensamento vivo das massas populares.

Falsa objetividade: — Unilateralidade do ponto de vista estritamente russo em todos os problemas concernentes ao proletariado mundial. Adulteração do Marxismo, da história do partido Bolchevique nas

suas edições sucessivas em que a última é matematicamente a negação da primeira, da biografia dos grandes chefes do bolchevismo. Criação de teorias anti-marxistas para justificar o novo Estado de classe.

Variações trimestrais da verdade: — O que é afirmado será negado amanhã. Aplicação "sui generis" e irônica da "negação da negação" do aposentado materialismo dialético.

Eficácia e degenerescência da Revolução: — Obras Faraônicas — Palácio dos Soviets — canal Volga-Moscou-Centrais elétricas, Indústrias dos Urais, etc. Novo plano quinquenal com novos sacrifícios para massas, não para os burocratas detentores do capital financeiro, dos meios de produção, etc. Mais-valia e acumulação capitalista sobre novas e subtis modalidades. Capitalismo de Estado.

IGUALDADE: — Ridicularização da idéia de igualdade como resíduo da mentalidade burguesa. Banalidade indigna de um cidadão soviético. Direito de testar reservado aos burocratas, conforto, educação especial para os filhos. Vilas Palácios, amantes, (esta sim é uma banalidade burguesa). Para as massas, terror, miséria, supressão da assistência dos casos de aborto voluntário, dificuldades de divórcio, proteção à maternidade e regresso à família.

Liberdade: — Supressão das liberdades sindicais e estatização dos sindicatos, G. P. U. Campos de concentração.

Onde está a liberdade de imprensa, de reunião, a inviolabilidade do domicílio, da correspondência, etc.? Na constituição soviética, a mais democrática... Um conhecido filósofo inglês chama isto a melhor blague de Stálin, digna de figurar ao lado do pastoso Leninismo teórico e prático.

Solidariedade: — A nova constituição do novo Fouché, no seu artigo XVI parece falar da solidariedade internacional dos trabalhadores e apoio a todos os que lutam numa guerra de classes ou pela independência nacional. Insensivelmente lembramos nos dos milhares de mutilados espanhóis e das Brigadas Internacionais, que apodreceram nos campos de concentração da França. Demasiado doloroso para podermos continuar.

POSSÍVEIS APÓSTOLOS DO HOMEM NOVO SOVIÉTICO

Todo o servidor do Nacional Socialismo Russo encontra ambiente entre os seguintes tipos de pessoas por razões aliás contraditórias, pormenor revelador da confusão do nosso tempo.

Sinceros: — 1.º Trabalhadores e intelectuais verdadeiramente revolucionários, para os quais Stálin é uma esperança, a única, sem reticências, ou **apesar de tudo**. Se não conseguirmos encorajar ou criar um movimento democrático e decididamente anti capitalista não há esperança para nós de conquistar este setor.

2.º Os que, por ódio aos fascismos da península, caem no Stalinismo por lhes parecer ser o único capaz de empreender uma luta concreta contra Franco e Salazar. As contradições da política externa soviética são esquecidas em face do interesse pragmático de sentir o apoio dessa força contra os ditadores. Compreendemos esta posição e respeitamo-la. Uma vez derrotado o fascismo peninsular, sua posição será mais independente.

3.º Jovens seduzidos por aspectos emotivos e românticos ou sexuais do movimento. Rebeldia da mocidade que procura uma "base ideológica" qualquer na sua instintiva luta contra o egoísmo e os preconceitos da classe burguesa. Inútil descrever sua surpresa quando encontrou exatamente os mesmos egoísmos e preconceitos, mas, desta vez, em nome da revolução.

Insinceros: — 1.º Burocratas dos diferentes partidos comunistas (insinceros quanto à revolução, mas fiéis à Rússia).

2.º Intelectuais e artistas que esperam fazer carreira apoiando-se no movimento e seus meios de propaganda.

3.º Elegantes ignoros que outrora se preocupavam de galanteria e caça e hoje falam do camarada Molotov com a negligência de quem põe uma rosa na botteira.

4.º Todos os ambiciosos possuídos de complexos de inferioridade no que respeita ao nascimento e que

(Conclui na página 4)

O CASO DE SANTOS

Direito de reunião, de associação e greve

Como suprema ironia, o capitalismo internacional comemora todas as datas históricas que recordam a luta do homem pela conquista da liberdade oferecendo nos o contraste grotesco de ver a tirania glorificando as suas próprias vítimas.

O 14 de julho, marca a tomada da Bastilha pelo povo de Paris, o que culminou na abolição do feudalismo e na promulgação dos **Direitos do Homem e do Cidadão** e é festejado universalmente, embora o homem e o cidadão continuem sem direitos e sem liberdade.

O mesmo acontece com o primeiro de Maio, data memorável para o proletariado internacional, pois revive a tragédia de Chicago, na qual perderam a existência cinco anarquistas pelo grande crime de defenderem os direitos dos humildes que lutavam pela conquista da jornada de 8 horas.

E' o proprio capitalismo quem invoca a palavra - **Liberdade** - para justificar a hecatombe de 1914/18, guerra terrível, que custou ao mundo 37 milhões de mortos e e inválidos, 4 milhões de mulheres viúvas, 8 milhões de órfãos e a enorme soma de 400.000 milhões de dólares empregados em destruir o que o esforço do homem construiu durante muitos séculos de trabalho fecundo.

Milhões de produtores que abandonaram as ferramentas de trabalho para empunharem as armas que haviam de servir-lhes para conquistarem a liberdade vol-

taram aos seus lares, após a vitória, para verem com amargura que de nada servira o seu sacrifício, pois, em 1919, como em 1914, ele continuava sendo o eterno escravo do capitalismo.

A GUERRA MUNDIAL

Mais terrível que a de 1914/18 a que foi iniciada, não em setembro de 1939 com a invasão da Polónia, mas sim em 1936 com a invasão da Espanha pelos sicários do Eixo, aos quais o traidor Franco abriu as portas da sua própria patria.

Nunca se falara tanto de liberdade e de justiça; nunca os homens do povo levaram tão longe o seu heroísmo e espírito de sacrifício, para vencerem as hordas fascistas que transformaram a humanidade num cenário de dor e de morte. E o fascismo foi vencido !

Chegou o momento do castigo para os que provocaram a guerra e para os seus, satélites, os Quislings da Noruega, Holanda, Tchecoslováquia, Rumânia, Bulgária e Dinamarca, esquecendo criminosamente os vencedores o maior de todos os traidores, o fatídico Franco, que iniciara a guerra cumprindo ordens de Hitler e o ajudara fielmente até o momento fatal da derrota.

SÃO FRANCISCO

50 nações, entre elas o Brasil, declararam solenemente que a Espanha de Franco era indigna de pertencer à comunidade inter-

nacional pois o seu regime era genuinamente fascista.

Satisfeito ficou o povo brasileiro com o acordo de São Francisco, pois sentira durante a guerra, em suas próprias carnes, as dores pungentes da covardia franquista já que provado ficou, de forma indiscutível, que os navios espanhóis abasteciam os submarinos do Eixo nos seus ataques à marinha mercante do Brasil, ataques estes que produziram centenas de vítimas inocentes.

Mais tarde era o próprio governo brasileiro que, reconhecendo com documentos autênticos, que Franco e Falange organizaram a espionagem nazista na América latina, tendo como base de ação o Brasil e a Argentina, e que um dos pioneiros dessa espionagem era Eduardo Aunós, impediu, num gesto de dignidade, que esse funesto personagem desembarcasse no Rio de Janeiro.

AMIGOS E INIMIGOS

Durante a guerra, quando navios brasileiros eram torpedeados pelos submarinos do Eixo, com a coincidência de aparecer sempre nas proximidades uma belonave franquista, eram os antifascistas espanhóis, domiciliados no Brasil, os primeiros a manifestarem a sua solidariedade ao nosso povo num documento histórico enviado a o-

então presidente da República. Foram também os antifascistas espanhóis os primeiros a contribuir com seus donativos a favor das vítimas dos torpedeamentos.

Esses homens que tanto amam a liberdade e tanto sofrem com a tirania a que estão submetidos os seus irmãos da Espanha e que, nas horas amargas da guerra, estiveram sempre a nosso lado, bem merecem da nossa parte um gesto de gratidão e de carinho.

CHAPULTEPEC

Como em São Francisco, o Brasil esteve presente à conferência de Chapultepec na qual foram reconhecidos, como princípios fundamentais, os direitos de reunião, de associação e de greve.

Nenhuma constituição, lei ou decreto pode anular esses direitos de caráter internacional, conquistados após uma luta titânica que custou aos povos do hemisfério muito sangue e muitas lágrimas.

OS ESTIVADORES DE SANTOS

Como negar aos estivadores de Santos o **Direito de Greve**...? Direito tanto mais lógico quanto com ele defendem a própria dignidade do povo brasileiro.

Se, para os estivadores brasileiros, é um problema de dignidade

não descarregarem os navios franquistas, porque a Espanha de Franco é inimiga da própria humanidade e foi repudiada pelo Brasil em São Francisco, para os espanhóis que trabalham no porto de Santos, tal negativa constitui, não só um dever, como também um gesto solidário com os irmãos que, nas terras distantes, sofrem a tirania cruel das hordas falangistas.

"-Maus emigrantes-" afirmou um dia um jornal reacionário para insultar aqueles trabalhadores que sentem, em suas carnes, as dores dos irmãos da Espanha. -- **Homens Dignos e Conscientes** -- afirmamos nós com orgulho, porque trabalhadores como os portuários de Santos são dignos da nossa consideração e da nossa estima.

...Maus emigrantes são os falangistas que conspiram impunemente à sombra da Embaixada Franquista, sob o manto protetor dos Larragoiti e como insulto supremo aos nossos sentimentos de povo amante da liberdade e da justiça.

«AÇÃO DIRETA» e os libertários do Brasil, que sabem colocar acima das divergências ideológicas o princípio fundamental da dignidade humana, enviam aos portuários de Santos um abraço fraternal e solidário.

DOCTRINA

O ESTADO É SEMPRE OPRESSOR

Miguel Bakúnin, o maior vulto do anarquismo, definiu, várias vezes, o Estado como órgão essencialmente opressor. São dele as palavras seguintes escritas em 1873.

«... Porém, a reação viva, inteligente e em verdade poderosa está, doravante, concentrada em Berlim e se estende sobre todos os países da Europa, desde o novo império germânico, administrado pelo gênio estatista, e por isso mesmo antipopular no mais alto grau, do príncipe de Bismarck.

Essa reação outra cousa não é que o coroamento da idéia antipopular do Estado novamente constituído, cujo único fim é organizar a exploração mais vasta do trabalho em proveito do capital concentrado nas mãos de um punhado.

E', pois, o triunfo do reino da alta finança, da bancocracia, sob a proteção poderosa do poder fiscal, burocrático e policial, que se apoia, sobretudo, na força militar e é, por conseguinte, essencialmente despótico, embora mascarando-se com o jôgo parlamentar do pseudoconstitucionalismo.

A produção capitalista contemporânea e as especulações dos bancos exigem, para seu desenvolvimento futuro e mais completo, uma centralização estatista enorme, a única apropriada a submeter os milhões de trabalhadores à sua exploração. A organização federal, de baixo para cima, das associações obreiras, de grupos, comunas, cantões, enfim,

de regiões e povoados, é a condição única para uma liberdade verdadeira e não fictícia, porém essa lhes repugna à convicção, do mesmo modo que toda autonomia econômica é incompatível com seus métodos. Ao contrário entendem-se, às mil maravilhas, com a chamada *democracia representativa*, porque essa nova forma estatista, alicerçada no pretenso domínio de uma pretensa vontade do povo, a qual se supõe expressa pelos pretensos representantes do povo nas reuniões supostamente populares, reúne em si as duas condições necessárias para seu progresso: a centralização estatista e a submissão real do povo soberano à minoria intelectual que o governa, que pretende representá-lo e infalivelmente o explora...

Toda exploração do trabalho humano por aquelas formas políticas do pretenso domínio do povo, e da pretensa liberdade do povo, que não seja dourada, é sempre amarga para o trabalhador. Deduz-se daí que nenhuma nação, por naturalmente humilde que seja ou tão obediente à autoridade que possa tornar essa obediência hábito, quererá voluntariamente submeter-se. Para conseguir-lo, pois, mister será recorrer a incessante coação, à violência, isto é, à regência policial e, assim, torna-se indispensável a força militar.

O Estado moderno é, necessariamente, por sua essência e objetivo, um Estado militar; por sua parte, o Estado militar também se converte em Estado conquistador, porque, se não conquistar será conquistado, pela sim-

Nesta página doutrinária inseriremos, traduzidos, artigos de militantes estrangeiros numa seleção cuidadosa. Pretendemos que os anarquistas brasileiros para os quais, na maioria, é inacessível a imprensa anarquista mundial, tenham conhecimento dos escritores anarquistas mais representativos do passado e do presente.

ples razão de que, onde reina a força, essa força tem de operar e mostrar-se. Por conseguinte, o Estado moderno há de ser, absolutamente, um Estado enorme e poderoso; é a condição fundamental de sua existência.

E, assim como a produção capitalista e a especulação dos bancos (especulação que acaba devorando essa produção) devem, por temor à bancarrota, ampliar sempre seus limites em detrimento das especulações e produções menores que elas englobam aspirando à universalização, assim também, o Estado moderno, militar por necessidade, leva em si a aspiração inevitável de converter-se num Estado universal, porém, um Estado universal, é, claro está, irrealizável. Em todo caso, um só Estado tal poderia existir; dois Estados desses, um ao lado do outro, são decididamente impossíveis.

Nota. As duas guerras mundiais vieram comprovar essa teoria anárquica. Foram destruídos, três Estados, Alemanha, Itália, e Japão por outros três Estados: Inglaterra, Estados Unidos e Rússia. Agora, defrontam-se os vencedores cada qual aspirando o maior domínio e já se define uma oposição entre os Estados de fala inglesa e o de fala russa. A guerra entre esses dois rivais será inevitável se os trabalhadores mundiais não tiverem meio de destruir essas duas máquinas de morte. E dizer que a grande maioria dos trabalhadores ain-

da não chegou a compreender esse estado de coisas tão fatal a sua existência Assombra-se

até de que lhe mostrem ser ele, e só ele, quem, no fim das contas, paga todas as despesas!

IMPRESA ANARQUISTA

L'Adunata dei Refrattari

L'Adunata completou seu 25.º aniversário em abril deste ano, fundada que foi aos 15 de abril de 1922. L'Adunata dei Refrattari, indiscutivelmente o mais precioso repositório de pura doutrina anárquica, nasceu da tremenda luta da fração anarquista na América do Norte pelos tempos de Saco e Vanzetti. Foi a sucessora direta de Cronaca Sooversiva do grande Luigi Galleani e fundaram-na Os

valdo Maraviglia, Cesare Stami e Emilio Coda. Neste quarto de século L'Adunata realizou um labor crítico de primeiro ordem e uma obra construtiva admirável, tudo isso graças à segurança doutrinária e às fontes vivas de informações a que recorre.

Ação Direta contragula-se com os abnegados companheiros que dirigem e sustentam esse nosso incomparável vozeiro anarquista.

Administração

1 — Ação Direta, semanário anarquista, vive exclusivamente das contribuições assumidas voluntariamente por seus simpatizantes. A Administração pede encarecidamente aos contribuintes já existentes, como aos novos, que fixem sua quota mensal e procurem nem variá-la, nem deixar de enviá-la até o dia 5 de cada mês. A não observância dessas duas condições pode perturbar o andamento de Ação Direta.

Tão pronto o número de contribuições ultrapasse as necessidades de Ação Direta, empreenderemos a publicação de folhetos e, quase certo, um suplemento cultural (ciência, literatura, música, etc.)

2 — Toda correspondência deve ser enviada para a rua Buenos Aires, 147-A-2.º — Rio de Janeiro.

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA

(Continuação do numero 5)

24 — O encilhamento ou inflação — Ocorre, nos Estados mal administrados financeiramente, como o Brasil, ou nos Estados mais bem guiados, em consequência de guerras ou calamidades, que o governo, apertado por credores ou despesas urgentes, não encontra recursos normais para arcar com os gastos. Emite então papel-moeda de curso forçado, quer dizer, notas que não podem ser trocadas por moeda metálica, mas que todos têm de receber como tal. Essas notas perdem logo seu real valor. Se as causas da emissão perderem valor, vê-se o governo na contingência de emitir notas em maior número. Estas já entram no mercado desvalorizadas e mais desvalorizam as primeiras, de modo que, para comprar certa mercadoria cujo preço normal é 10\$000, são necessários 20, 30, 50, 100, 500\$000 ou mais. Durante a guerra européia, o marco alemão contava-se por milhões e bilhões. No Brasil, logo no início da República, deu-se tal fenômeno consequente a especulações e desorientação do governo. Houve verdadeira fúria emissorista. Os especuladores inventavam companhias fantásticas e os papalvos vendiam quanto possuíam na esperança de ganhar milhões com os lucros anunciados. Nesses casos a população toma-se de alucinação coletiva e as catástrofes particulares e públicas são tremendas. A primeira e mais célebre dessas especulações deu-se no começo do século XVIII, em

França, com o sistema emissorista do banqueiro escocês John Law.

25 — Os impostos — Para custear as despesas da vasta máquina compressora de defesa e regularização, precisam os possuidores de avultadas somas com as quais sustentam seus funcionários. Esse dinheiro não fornecem eles do seu bolso, mas o extorquem dos não possuidores sob a forma de impostos, geralmente de consumo ou renda. Por qualquer compra de objeto, tem o comprador de pagar ao Estado uma quantiazinha para as despesas do governo. Algumas dessas despesas são úteis, obras públicas ou serviços urgentes. A maior porção, porém, é para o funcionalismo quase sempre demasiado.

Aparentemente, os grandes possuidores pagam ao Estado somas respeitáveis, mas, na realidade, eles recobram esse dinheiro dos trabalhadores, dos pobres, elevando o preço dos produtos vendidos. Basta que o governo agrave as tabelas de impostos, imediatamente o preço dos produtos gravados sobe nos mercados. E o comerciante, em desculpa aos fregueses, alega sempre o aumento das taxas. Logo, em definitiva, quem sustenta a máquina do Estado, montada contra os trabalhadores, são os mesmos trabalhadores.

VI

26 — A feição política — O Estado, com as suas sete feições, acha-se arquitetado sobre aparelhos especiais, todos calcados num

princípio único: a centralização. Todo o poder e administração do Estado se concentra nas mãos de um só indivíduo: rei, imperador, czar, presidente, etc. Esse escolhe uma meia dúzia de homens, seus ministros, a ele subordinados e os coloca à testa de cada um dos aparelhos governativos. Abaixo dos ministros, vem uma série, cada vez mais numerosa, de funcionários subordinados, até chegar à massa popular. Por isso dizemos nós que o Estado se acha organizado em pirâmide: na base, o povo; no vértice, o rei, imperador, presidente, o chefe de Estado em suma.

27 — Formas de governo — Os possuidores, já vimos, para o duplo mister de defesa contra os não possuidores e regularização da concorrência entre eles, têm de concentrar todas as suas forças ou nas mãos de um só indivíduo com poderes de tudo fazer a seu talante autocracia; ou nas mãos de um só indivíduo, vitaliciamente, mas em parte sujeito às decisões de alguns homens eleitos pelo povo monarquia; ou nas mãos de um só indivíduo temporariamente eleito pelo povo e igualmente assistido por um parlamento de representantes do povo república.

Em certos povos, o autócrata se diz diretamente escolhido por deus e torna-se teocrata e o regime político chama-se teocracia. Este teocrata tem um corpo de sacerdotes seus comparsas e domina pela superstição chamada

religião. Porém, para conter o povo e lutar contra os outros povos, necessita de uma fração armada, de um exército ou polícia. Acontece, entretanto que essa fração militar vai pouco a pouco percebendo que esses sacerdotes não se comunicam, de modo algum, com a tal divindade. Derruba-os, escolhe um chefe e torna-se casta militar; mas, compreendendo o valor dominativo da religião, mantém a casta sacerdotal. Esta formula, então, uma teoria segundo a qual o chefe militar é também representante temporal da divindade e recebe tal poder quando o sacerdote o unge e coroa. Ele fica sendo monarca por direito divino. Com o correr dos tempos, o povo entra a duvidar desse direito divino; percebe que esse pretenso direito é um engodo, só para mantê-lo obediente, porque, sem a obediência, não podem os possuidores explorar tranquilamente. Então rompem revoltas e os possuidores, que já mais creram no direito divino, procuram outro meio de iludir o povo. O meio achado no século XIX foi o sufrágio. Segundo essa doutrina, o povo não deveria deixar-se governar por monarcas; deveria governar-se por si mesmo. Todavia, como impossível é que toda a população do país se reúna em parlamento para resolver questões ou administrar conjuntamente, faz-se mister que escolha certo número de representantes seus e lhes delegue poderes amplos de, por eles, falar

e resolver. Sucede, porém, que, por meio da compressão, do suborno, de todas as ameaças, fáceis aos possuidores, os sobreditos representantes do povo são sempre representantes dos possuidores, por eles sustentados para defenderem seus interesses. A tal regime chamaram democracia ou governo do povo.

As nações européias e americanas adotam o regime democrático. Como, entretanto, as desordens, o malestar, as calamidades sociais perduram sempre, o povo, mormente com a propaganda anarquista, vai-se competendo desta verdade dolorosa; a democracia é mais um engodo dos possuidores à massa trabalhadora.

Para defender o sufrágio e prosseguir no regime democrático, proclamam ter vindo o malôgro de não ser o sufrágio exercido bem secretamente e de fugirem os cidadãos ao dever de votar. Tomam-se medidas cada vez mais rigorosas para que seja o voto bem secreto e obrigatório. Isso, entretanto, não bastou. Estendeu-se às mulheres, depois da guerra européia, a obrigação do voto. Porém, como as desgraças sociais não derivam da inexecução do sufrágio, senão do regime da propriedade, da fúria da concorrência, esse último recurso não tem adiantado nada. Tudo prossegue como dantes e os mesmos desastres, a mesma crise faz que os homens sofram.

(Continúa)

A GREVE DOS MARÍTIMOS CONTRA FRANCO NÃO É BRASILEIRA, É INTERNACIONAL

TRABALHADORES MARÍTIMOS! A Federação Sueca de Marítimos, filiada à Associação Internacional de Trabalhadores concita, num manifesto publicado há pouco, os marítimos e estivadores de todo o mundo para que se recusem a trabalhar em navios de Espanha ou para a Espanha.

Segui o exemplo dos marítimos noruegueses, franceses, holandeses e de Tunis que rechaçaram todo trabalho relacionado com mer-

cadorias procedentes da Espanha ou destinadas a esse país. Os sentimentos de solidariedade internacional

Diz assim:

que são tão típicos dos marítimos devem manifestar-se agora! Não rompam essa solidariedade!

Igualmente a gloriosa Federação Regional Argentina decretou boicote aos navios espanhóis. É pois

dever de todos os portuários manter a firme resolução de se recusarem a tal serviço.

Abaixo Franco!

MOVIMENTO SINDICAL EXTERIOR

É sintomática a ausência de noticiário sindical nos periódicos anarquistas. Será que os anarquistas, nas Américas e na Europa, nenhuma atuação tenham nos sindicatos? Ou será que a onda fascista, qual sucedeu no Brasil, avassalou os sindicatos em toda a terra.

Parece que sim e, nesse ponto, foi ajudada lealmente pelo Partido Comunista, o garróteador da ação direta, aqui e em toda parte.

O valente periódico mexicano *Espartaco*, em seu número de 30 de novembro, responde a essa natural pergunta nossa, escrevendo sobre a situação argentina: «Todas as organizações de tipo legalista que gozam do favor oficial e as únicas de caráter majoritário existentes ao longo da América, mercê das atitudes dos líderes marxistas, comunistas, socialistas e amorfos, estão na disjuntiva de servir a causas opostas à libertação do escravismo capitalista. Criados e amamentados ao calor das prebendas dos seus chefes e da primazia nas adocientes disposições legais, encontram-se, de improviso, na obrigação e compromisso de servir quando as necessidades do Estado o reclamem, conquanto em detrimento de sua própria liberdade. E o proletariado argentino, pastoreado por lugartenentes de Lombardo Toledano, meteram-se nessa encruzilhada. Assim sucederá em todos os países em que a organização obreira, descuidando-se de sua preparação e força revolucionária, enveredem pelo caminho da política, que a seus chefes dá personalidade e vida fácil»

Adiante informa: «No México, qualquer desando para trás encontrará o proletariado incapaz de resistir. E mais, será ele a força impulsora de qualquer movimento retrógrado. Basta que um Executivo o intente para que os chefes sindicais o secundem. Sob essa aparente capa democrática — vá o adjetivo — lateja em potência o germen fascista e, habituados a essas modalidades, estão sempre propensos a aceitar a corrente indicada por seus chefes»

E conclui muito bem: «Onde quer que os marxistas chegaram ao poder, salvou-se o capitalismo e robusteceu-se. Nossos caudilhos sindicais também querem chegar ao poder, não para fazer a revolução, pois nenhuma revolução se pode fazer de lá, mas para serem eles os amos. Não é mister citar exemplos, pois, nas partes do mundo açoitadas pela guerra, eles tiveram a preponderância, mas não ampliaram os horizontes políticos e econômicos dos povos destruídos. Ao contrário, refrearam essas aspirações em nome de sua ordem socialista e se, desta vez, se salvar o capitalismo da destruição total, será isso obra deles».

Assim é! Temos bom exemplo no Brasil onde o candidato do

Partido Comunista à Presidência da República foi um burguês capitalista, sobre o qual pesam tremendas acusações de defraudador e extorquidor, acusações constantes de um inquérito administrativo que o ditador Getúlio Vargas mandou arquivar!

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147, A-2º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nem para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

ABAIXO FRANCO!

Pretende-se ressuscitar a farsa da não-intervenção para salvar o fascismo na Ibéria !!!

Franco, o sinistro Arbués dos nossos tempos, produto híbrido do conúbio da Companhia de Jesus com o Nazi-Fascismo, continua ensanguentando a Espanha num desafio constante, diário, ao mundo civilizado e democrático. Ao sangrento anão nada lhe importa, nem as vociferações do rádio de Moscou, cujo valor conhece pela política da não intervenção, à qual Stalin aderiu em 1937, nem as medidas diplomáticas que as Nações Desunidas anunciam diariamente.

Os carrascos da Falange, abençoados e protegidos pelo Vaticano, amparado pela nova coorte de cardeais, dentre os quais se destaca Spellman, o primaz norte-americano, indigitado futuro ocupante da cadeira de S. Pedro, totalitário até o tutano e amigo íntimo do francômano Truman, prosseguem, frios, imperturbáveis, na matança do generoso povo espanhol.

A vergonha morreu de todo

nas altas esferas da governação mundial. Os governos de todo o mundo mostram-se claramente, sem máscara, tais como são: solidários uns com os outros, contra os povos que dominam.

Entre os povos que sofrem e os Estados que os fazem sofrer, entre as vítimas e os carrascos, não hesitam: colocam-se ao lado dos últimos, numa defesa coerente e solidária da instituição que representam. A liberdade dos povos, a luta pela Democracia contra o Nazi-Fascismo, os princípios expressos pelos donos do mundo na Carta do Atlântico e na Conferência de Yalta revelam agora, a toda a luz, em face da insaciável atitude dos quatro déspotas, o sentido verdadeiro que, na realidade, já tiveram na guerra de 1914, o mesmo significado que os anarquistas, pela voz de Sebastião Faure, de Jean Grave, de Han Ryner, de Romain Rolland e de tantos outros, denunciaram: o de patranhas por

meio das quais os Governos — todos os Governos — serventários do capitalismo, privado ou de Estado como o da Rússia, se utilizam para arrastar a besta humana ao matadouro.

Para completar a farsa, vai-se fazer agora o que faltava: nomear uma comissão de cavalheiros bem trajados, graves, mais ou menos rotundos e habituados aos horrores dos cemitérios, para ir à Espanha averiguar da veracidade das horripilantes acusações dos farsantes do governo polonês, joguetes dos farsantes de Moscou. Repete-se, como se vê, a comédia do Comitê de Não-Intervenção na guerra de Espanha, que será completado, a seu tempo, pela repetição da comédia de Munique. Chamberlain, pela voz do Sr. Churchill — eu não sou estrangeiro nada, do próprio camarada Stalin — dirá caudidamente, como da outra vez, quando os aviões alemães e italianos arrasavam quarteirões inteiros em Barcelona: «Não temos elementos para confirmar as acusações contra Franco!»

É lembrar-nos de que seria tão fácil aos trabalhadores ingleses, aos democratas americanos e aos bolchevistas russos agarrarem pela gola o dono de Espanha, colocá-lo perante o pelotão executor, pelos crimes cometidos durante a guerra contra seu povo e povos alheios.

Mas, não! Atlee prefere continuar genuflectido ante a coroa real, Truman fazendo os gestos do absoleto ritual escocês e Stalin, com seus bigodes de guarda-portão, intimidando as nações concorrentes do seu imperialismo para, à custa da chantagem, ir anexando ao seu cetro mais alguns jazigos petrolíferos e mais algumas fatias de terreno na Alemanha, na Polônia, etc., etc.

Entretando, rindo-se de todos, o tirano da Ibéria, julgando-se encarnação de Carlos 5.º, alça-se nas pontas dos pés e atira ao mundo estarecido o seu vozeirão:

— Quem manda sou eu!

Diante da atitude servil das chamadas democracias, cúmplices do ditador espanhol, não nos pode ficar lugar para dúvidas: o caso espanhol, como o de Portugal, só comporta uma solução: a ação direta, revolucionária, do povo! Seja como for! Qualquer outra, baseada em transações com as tais democracias, que o mesmo é dizer, com os imperialismos inglês, americano ou russo, só conduzirá a uma nova tirania.

Ainda que não queiram os representantes do capitalismo — republicanos, socialistas comunistas!!!

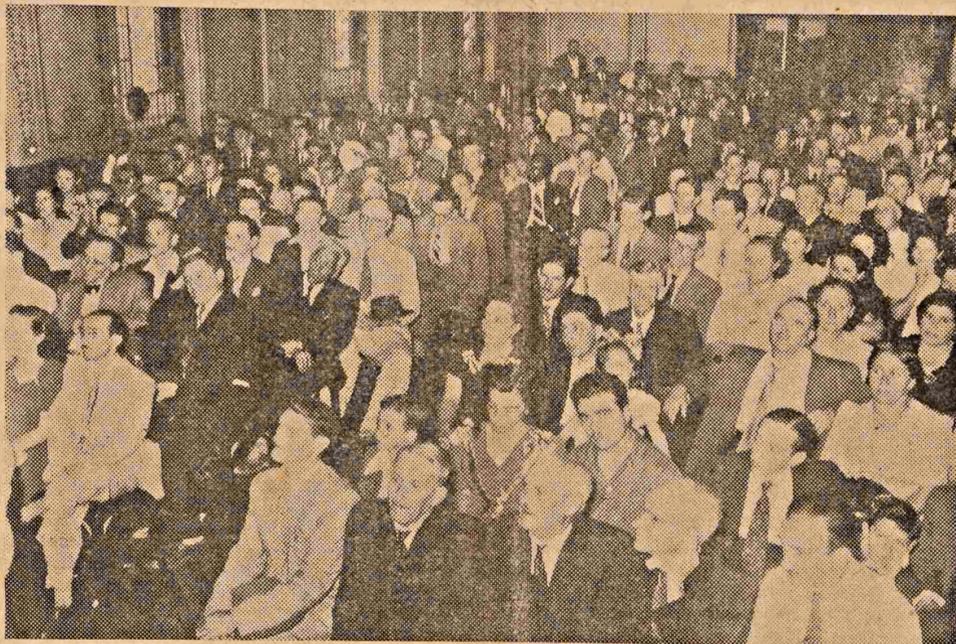
O 1º DE MAIO EM SÃO PAULO

Apesar das medidas de intimidação e restrição das liberdades públicas, adotadas pelas autoridades democráticas, a data proletária de 1.º de maio foi condignamente comemorada pelos traba-

lhadores revolucionários de São Paulo.

No dia 1.º, efetuou-se, com idêntica assistência, uma sessão no salão das Classes Laboriosas.

Depois, os oradores concitaram os trabalhadores a não se fiarem nos Messias negros ou vermelhos que se esforçaram por desvirtuar o significado dessa data e lhes prometem a redenção em troca de vo-



UM ASPECTO DA SESSÃO

lhadores revolucionários de São Paulo.

Na véspera, realizara-se, num teatro daquela capital, um brilhante festival artístico com a assistência de centenas de pessoas. Foi levada à cena uma peça de caráter libertário, representada por um grupo de amadores operários e houve, além de uma conferência sobre a data, declamação de poesias alusivas às injustiças

Falaram vários oradores, que explicaram ter a data em comemoração um significado, não festivo, como pretendem imprimir-lhe os partidos políticos, parasitas dos trabalhadores, mas eminentemente revolucionário, de protesto e reivindicação, pois nela se evoca o sacrifício de oito trabalhadores anarquistas alemães, residentes em Chicago, sete dos quais foram condenados à forca.

tos, mas a confiarem exclusivamente no seu esforço através das suas organizações de resistência e pelo método da luta de classes.

Ação direta e os grupos anarquistas do Rio estiveram representados por um camarada enviado daqui.

A fotografia mostra um aspecto da reunião.

DOCUMENTARIO

Constituem lição viva e, só por si, valem um curso inteiro de sociologia libertária.

AÇÃO DIRETA recomenda aos anarquistas em particular e aos trabalhadores em geral que leiam com atenção estes documentos históricos pois resultam de longos debates e estudos dos mais experimentados companheiros de luta.

RECORDEMOS UM DOCUMENTO IMPORTANTE

Em 1929, dos 11 aos 16 de maio, realizou-se em Buenos Aires o *Congresso Continental Americano*. Esse memorável congresso, base do movimento aproximativo dos trabalhadores americanos, antes inteiramente alheios uns aos outros, criou a **Associação Continental Americana de Trabalhadores**. As declarações de princípios dessa associação merecem ser agora lembradas nesta hora de ressurgimento e defesa contra o nazismo dominante ainda.

Daremos hoje as suas

DECLARAÇÕES GERAIS

Organização Social. — Dois são os caminhos propostos pelos movimentos proletários e socialistas para superar a situação presente: a conquista do Estado para operar a transformação política da sociedade por meio de decretos, e a organização da vida econômica alicerçada no trabalho de todos e de cada um. A primeira solução pretende realizar a nova organização social de cima para baixo; a segunda aspira a fazer-se de baixo para cima. Uma tem por norma de ação a autoridade; a outra, a liberdade.

A Associação Continental Americana dos Trabalhadores, colhendo as experiências do último século de lutas e atendendo aos ensinamentos da realidade e da vida, repudia a conquista do Estado político como meio de emancipação proletária e concentra todas as suas esperanças na organização do trabalho sobre as pedras angulares de sua liberdade, utilidade e solidariedade.

Em consequência, aspira a um regime social onde o trabalho será base e garantia de liberdade e justiça para todos.

Abolição do Estado. — Um regime social, calcado no trabalho comum das associações livres de produtores livres, exclui o Estado que sempre foi instrumento de dominação de uma casta ou classe parasitária em detrimento da massa produtora. Ele perde sua razão de ser quando a nívelação econômica, a expropriação dos exploradores, houver estabelecido a igualdade de todos os seres humanos ante a vida, ante os instrumentos de trabalho e ante o usufruto dos produtos.

A Associação Continental Americana dos Trabalhadores, como intérprete dos interesses dos que produzem e não dos exploradores do trabalho e beneficiários da produção alheia, quer uma sociedade de livres e iguais, portanto uma sociedade anarquista.

Supressão dos monopólios. — O capitalismo, que é a forma econômica mais injusta que se possa imaginar e nem sempre a mais rendosa e proveitosa se encarada pela produção mesma, tem suas

mais profundas raízes no reconhecimento e defesa da propriedade monopolista, exclusiva, hereditária.

A A. C. A. de Trabalhadores repele todo conceito de monopólio no usufruto das riquezas sociais e reivindica o direito pleno da humanidade presente e futura, de beneficiar-se por igual, segundo as necessidades, dos bens da natureza e do trabalho do homem.

Sem reconhecer uma forma especial de organização da futuras relações econômicas, recomenda o comunismo como a condição que promete mais ampla garantia de bem estar social e liberdade individual.

O homem livre na sociedade livre. — Para o capitalismo e estatismo dominantes, consiste o ideal na escravização e opressão crescentes das grandes massas em benefício das minorias privilegiadas do monopólio. A A. C. A. T.

tem por ideal supremo o homem livre na sociedade livre e propaga sua realização mediante a supressão revolucionária do aparelho estatal e da organização econômica e pitalista simultaneamente, na convicção de que a ablição de um e manutenção do outro levará irremissivelmente, como já o ensinou a experiência, à restauração da ordem de cousas que se quisera destruir.

O socialismo libertário não pode ser realizado senão pela revolução social. Consequentemente os trabalhadores revolucionários devem preparar-se, intelectual e praticamente no sentido de tomar posse dos meios de produção, distribuição e transporte ao seu alcance, para utilizá-los automaticamente no dia seguinte ao da revolução. Além disso, devem elaborar os meios de relação entre os diversos grupos de produção ou de lugar, sem que isso firme uma única forma de convivência revolucionária, salvando-se sempre os princípios fundamentais enunciados em nossa finalidade.

No próximo número daremos os meios de luta.

(Conclusão da página 1)

não conseguem vencer no mundo capitalista, por falta de dinheiro, crédito ou capacidade e que transportam as suas ambições, como último refúgio, para as estruturas políticas que lhes parecem perto da vitória. Na primeira oportunidade passam-se para o "odiado" como burguês. Exemplares neste sentido: grande número de operários que frequentaram as escolas de formação de quadros em Moscou.

5.º) Os aventureiros e espíões característicos de todos os movimentos de massa.

O futuro. — A antiga verdade transformou-se na sua anti-tese destituída de conteúdo revolucionário; subsiste tão só no aspecto formal: a disciplina militar e a nova mística dos marechais ocultam a desordem dos espíritos, inquietações e dúvidas das massas. Tal como sucedeu à ideologia burguesa, o marxismo na Rússia perdeu sua ousadia e clareza doutrinária deslocando-as, por vezes, para o plano da política exterior no momento em que sente sua própria falsidade.

Por sucessivas metamorfoses, passou do ideal de

ESTAMPAS DE ESPANHA

IV

MUERA LA INTELIGENCIA..!

Por MANOEL PERES

O grito de *- Muera la Inteligencia* - foi proferido na Universidade de Salamanca pelo general franquista Millan Astray. Quis, dessa forma brutal, insultar o grande sábio Miguel de Unamuno que, num gesto digno e alto, elevou a voz para condenar os crimes de Franco. Esse grito provocou, em todo o mundo civilizado, um sentimento de profunda indignação.

Millan Astray era a representação genuína da Espanha negra e inquisitorial, a Espanha de Torquemada, de Arbués e de Loyola, a Espanha de Antonio Maura e Juan Lacierva, os homens fatídicos que fizeram fuzilar, no Castello de Montjuich, naquele trágico dia de 13 de Outubro de 1909, o grande mártir do livre pensamento Francisco Ferrer Guardia.

E essa Espanha trágica, que o traidor Franco fez ressurgir com a colaboração direta das potências do Eixo e a indiferença suicida das chamadas *Democracias* da Europa, necessitava do concurso de homens como Millan Astray a quem os espanhóis honrados chamavam com desprezo - El General Matamoras - já que conquistou os bordados do generalato como prêmio da sua crueldade exterminando os pobres mouros que, nas terras de Marrocos, lutam há muitos séculos pela sua independência!

Millan Astray, o inimigo da inteligência, é um espírito profundamente reacionário, incapaz de abrigar em sua alma o menor sentimento generoso. Quando o general Primo de Rivera instaurou, no dia 13 de Setembro de 1923, a sua funesta ditadura, encontrou nele um dos seus melhores colaboradores.

Com a queda de Primo de Rivera e a proclamação da República, Millan Astray desapareceu do cenário político e militar da Espanha, para reaparecer como figura de destaque na chamada *Espana Nacional* após o triunfo do fatídico caudilho Franco.

Este, como supremo escárnio à cultura e à civilização da América Latina, o fez nomear presidente do *Consejo de la Hispanidad* do qual fazem parte também o famoso Aunós, a quem o nosso povo deu um pontapé de despedida, o Dr. Marañón, um dos maiores traidores da República e Pilar Primo de Rivera, irmã de José Antônio Primo de Rivera, fundador da Falange Espanhola.

Esse *Consejo* tem a nobre missão... de propagar a cultura ibérica nos países da América Latina e estreitar os laços de amizade que deve uni-los à mãe pátria..! E ninguém melhor, para realizar uma obra tão humana, que esse homem que um dia gritara *Muera la Inteligencia..!*

E a propósito desta personagem funesta, recordarei um episódio ao qual assisti pessoalmente em setembro de 1929, quando a Espanha era ainda governada por Primo de Rivera. Vejam.

Nessa época, era celebrada em Sevilha a Exposição Ibero-Americana na qual compareceu o Brasil em união com as nações irmãs do continente. Eu trabalhava como funcionário da delegação brasileira, tendo a meu cargo o serviço de informação, imprensa e propaganda, que me fora confiado pelo Dr. Vidal, chefe da referida delegação.

Seguindo a norma estabelecida no certamen, foi organizada a *Semana do Brasil* durante a qual foram distribuídos brinquedos às crianças pobres, víveres, mate, açúcar e café às famílias necessitadas da cidade, e se fizeram algumas festas de caráter cultural e artísticos, muito concorridas.

Em uma dessas festas, compareceu o famoso Millan Astray acompanhado do coronel de aviação Kindelan, hoje general e chefe dos serviços de aeronáutica do governo franquista. Pois bem, meus amigos, ao terminar o festival, Astray e Kindelan, completamente embriagados, se esbofetearam mutuamente, dirigindo um ao outro insultos de baixo calão, sendo necessária a intervenção dos membros da nossa delegação para pôr termo ao vergonhoso espetáculo.

É interessante que os leitores saibam também que Millan Astray, Kindelan, e os também generais Aranda e Saliquet são muito cotados para formarem o governo militar que deve substituir Franco no poder e preparar a restauração monárquica proclamando rei o príncipe Don Juan, primo do rei da Inglaterra.

Muera la Inteligencia..!

A ESCOLA DO BRASIL

Ao terminar os festejos da *Semana do Brasil* e na sessão solene de encerramento, estando presentes os representantes diplomáticos brasileiros, ministro da instrução públi-

ca da Espanha, prefeito de Sevilha e outras autoridades, o chefe da nossa delegação fez a seguinte declaração que foi recebida com uma ovação estrondosa.

" - O Governo brasileiro oferece o edifício que mandou construir no recinto da exposição à municipalidade de Sevilha, para que nele seja instalada uma escola onde recebam instrução crianças pobres da cidade, correndo todos os gastos de instalação por conta do governo que faz a doação..."

Entre vivas ao Brasil e à cultura ibérica o secretário da prefeitura de Sevilha, declarou solenemente - "... Cumpliremos el encargo y como gratitud al pueblo brasileño la escuela se llamará - ESCUELA DEL BRASIL -"

Em 4 milhões de pesetas estava avaliado o nosso pavilhão, todo ele de ferro e cimento armado, sendo considerado um dos melhores da exposição. Sabem os leitores qual foi sua sorte..?

Em tempos da República funcionava no mesmo uma escola para os filhos dos ferroviários. Não era cumprido fielmente o acordo da oferta; em todo caso, era uma escola... Depois...

Quando Franco subiu ao poder em nome da cultura, foi fechada a escola do Brasil e instalado, em seu lugar, o *Quiriel General da Falange Espanhola..!* Segundo notícias que recebi estando preso em 1940 na prisão de Sevilha, os seus magníficos porões, que durante a exposição serviam para distribuir aos visitantes chicharas do nosso delicioso café, foram transformados em antros de tortura, onde os falangistas cometiam as maiores monstruosidades...!

Cópia da ata da oferta do nosso pavilhão deve existir no Itamarati e no Ministério da Agricultura que organizou a nossa participação no certame; no Brasil estão os que foram comissários da delegação, doutores Paulo Vidal e José Vergueiro Steidell; o primeiro reside no Rio de Janeiro e o segundo em São Paulo. Vivos estão também no Brasil os srs. Caio Monteiro, chefe do departamento do café e Hebert de Mendonça que foi tesoureiro da mesma.

Tortura em lugar de Cultura..!

E Millan Astray continuará gritando.

" - *Muera la Inteligencia* -

Que dirão a isso os brasileiros que defendem o regime de Franco..?

EM BUSCA DO HOMEM NOVO

Outubro a um cesarismo burocrático. Um novo império surge das ruínas de uma nova Revolução, analogia histórica, cujo sabor a banalidade em nada prejudica sua verdade e poder de sugestão. A crítica marxista deve libertar a aparência da realidade ou, como diz Guterman, a aparência que procura passar por realidade da realidade se esconde na aparência. Os princípios tornam-se astuciosos quando servem situações privilegiadas, as idéias não serão virgens eternas, também sofrem a tentação do poder; contudo, experimentamos uma certa tristeza quando, sabendo-as prostituídas, continuamos a olhar-nos com os olhos de pureza e a tentar seduzir-nos com a frescura de uma inocência perdida.

As contradições dos três grandes imperialismos (Russo, Americano e Inglês) podem conduzir-nos a uma situação dramática; é necessário que todos nós tenhamos uma noção clara dos acontecimentos e pro-

curemos um caminho independente por uma crítica impiedosa dos erros e absurdos cometidos nos últimos 20 anos, filtrando cuidadosamente as experiências adquiridas e adaptando-as à nova situação histórica.

Sem uma nova orientação do socialismo, seremos apanhados de surpresa pela nova Guerra como fomos pela outra. Nem a poderemos evitar, nem saberemos tirar dela conclusões revolucionárias.

O fim do capitalismo não deve implicar no novo capitalismo e nova servidão. As massas populares da Europa e América que inspiraram a generosa e lúcida obra de Marx saberão libertá-lo do seu cativo dourado. Fiéis a nossa concepção não trágica da vida, continuaremos com alegria, persistência e mocidade em busca do **Homem-Novo**, abafado nas máscaras da humana mistificação.

A parte da humanidade que resistiu à intoxicação do totalitarismo e da reação capitalista é a melhor: poderá, se quiser, organizar-se, realizar o verdadeiro socialismo e então teremos encontrado, na verdade, o homem-novo.